

## Opções empresariais, agricultura e contingências laborais no Sul de Portugal: o caso de Odemira no contexto da mundialização

Luís Moreno

Universidade de Lisboa – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território / Centro de Estudos Geográficos  
luis.moreno@campus.ul.pt

Alina Esteves

Universidade de Lisboa – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território / Centro de Estudos Geográficos  
alinaesteves@campus.ul.pt

Maria Lucinda Fonseca

Universidade de Lisboa – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território / Centro de Estudos Geográficos  
fonseca-maria@campus.ul.pt

### RESUMO

Apresenta-se um estudo que analisa a problemática do recrutamento e gestão dos trabalhadores das empresas agrícolas que praticam uma agricultura intensiva, em grande parte resultado de investimento direto estrangeiro e com vocação exportadora, na parte litoral do concelho de Odemira, desde os anos oitenta do séc. XX. Com recurso à recolha de informação documental de contexto e à realização de entrevistas a empresas e outros atores locais, e ainda de inquéritos a trabalhadores, observam-se os desafios que se colocam em termos de desenvolvimento e governança local, como resultado de opções empresariais e de políticas públicas facilitadoras do recrutamento e incorporação de trabalhadores estrangeiros, temporários e permanentes, originários de um vasto leque de países, especialmente da Europa Oriental e da Ásia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empresas agrícolas, imigrantes, emprego, governança local.

### 1.INTRODUÇÃO, ABRANGÊNCIA DO ESTUDO E METODOLOGIA SEGUIDA

No concelho de Odemira, desde os anos 80 do século XX que se assiste ao desenvolvimento de uma orientação empresarial capitalista na agricultura, primeiramente estimulada com o regadio (obras essenciais de barragem terminadas em 1973), e depois por investimentos de origem estrangeira que acentuaram uma relativa especialização na hortofruticultura de culturas temporárias e floricultura, em detrimento de culturas permanentes (Pimenta, 2014). Referimo-nos a uma intensificação – em capital, mas também em trabalho – que contribuiu para um crescimento económico no Alentejo Litoral superior à média do país e à do conjunto do Alentejo.

Esta realidade é apresentada como o contexto deste estudo, mostrando alguma marca do investimento direto de multinacionais, que seguem a racionalidade própria da divisão internacional das competências e do aproveitamento de vantagens comparativas e absolutas dos territórios, tanto mais nesta área em que a exploração de sazonalidades agrícolas é base da estratégia competitiva (Huang, 2004; Dicken, 2011).

#### Title | Título

Smart and Inclusive Development in Rural Areas  
Book of proceedings of the 11<sup>th</sup> Iberian Conference on Rural Studies

#### Editors | Organizadores

Lívia Madureira, Pedro Gabriel Silva, Octávio Sacramento, Ana Marta-Costa, Timothy Koehnen

#### Publisher and Copyright | Produção e Propriedade Intelectual

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

Vila Real

ISBN: 978-989-704-222-5

© 2016

Supported by European Structural and Investment Funds in the FEDER component, through the Operational Competitiveness and Internationalization Programme (COMPETE 2020) [Project No. 006971 (UID/SOC/04011)]; and national funds, through the FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology under the project UID/SOC/04011/2013.

Assim, o estudo efetuado visa evidenciar, numa perspetiva de geografia económica e social e de abordagem socioterritorial, o sentido das opções empresariais, em particular das multinacionais, traduzidas no investimento na produção, I&D e comercialização de frutos / frutas e produções hortícolas / olerícolas e de floricultura, de grande valor comercial, em regra para exportação. Por outro lado, ilustram-se as consequências destas opções, favorecidas, nomeadamente, pelo acesso a apoios disponíveis no âmbito da Política Agrícola Comum (PAC), bem como de políticas de imigração e integração facilitadoras do recrutamento e incorporação de mão-de-obra estrangeira, de diferentes proveniências, em acréscimo ao insuficiente trabalho assalariado de portugueses (segundo as firmas), e em termos das implicações nos processos de desenvolvimento local.

Para o cumprimento destes objetivos, o estudo apoiou-se na investigação realizada no âmbito do projeto CRISIMI<sup>106</sup>, que contou com entrevistas e inquéritos realizados entre Março e Junho de 2015, na região de Lisboa, no Algarve e em Odemira, seguindo-se um processo de acompanhamento e atualização, com informação quantitativa e qualitativa obtida posteriormente para propiciar as vantagens da triangulação, em particular quanto a Odemira. Para tal, além das fontes primárias (entrevistas a responsáveis de três multinacionais, de uma associação de produtores e de outra de desenvolvimento local, bem como questionários aplicados a 65 trabalhadores “nacionais de países terceiros”), as fontes secundárias dizem respeito a documentação diversa (bibliografia, estatísticas e elementos de sítios da Internet), adiante referenciada. Esta orientação metodológica visou uma perspetiva compreensiva da realidade, articulando a contextualização diacrónica e de explicação generativa dos processos atuais com a própria análise das dinâmicas presentes, de modo a obter um sentido sobre as condições que alicerçam as opções dos atores locais – públicos e privados – face aos desafios da governança local para a sustentabilidade.

<sup>106</sup> CRISIMI – O impacto da crise económica sobre as condições de vida e dinâmicas de inserção laboral dos imigrantes em Portugal – IGOT/CEG-MIGRARE (ACM / FEINPT, coord. de Alina Esteves).

## 2. INVESTIMENTO ESTRANGEIRO, EMPREGO DE IMIGRANTES E DESAFIOS EM ODEMIRA: OS RESULTADOS DE UMA INVESTIGAÇÃO DE INCIDÊNCIA SOCIOTERRITORIAL

Em 1986, no mesmo ano da adesão à CEE dos países ibéricos, regista-se o primeiro investimento estrangeiro de vulto na hortofruticultura intensiva na ‘zona do Brejão’, a sul da Zambujeira do Mar, quando a empresa inglesa Vitacress (antes designada por *Iberian Salads Agricultura Lda*) se instala em Odemira, iniciando uma exploração de 90 hectares para a produção de vegetais usados em saladas frescas. Um ano depois, a iniciativa de um empresário norueguês dá origem à Frupor (exploração de aprox. 150 ha, cultivando sobretudo couve chinesa destinada aos países nórdicos, além de plantas ornamentais). De algum modo, outros “grandes empresários da bacia hidrográfica do Mira, de nacionalidades inglesa, dinamarquesa e holandesa” são referidos como parte da primeira de “quatro grandes vagas de comunidades imigrantes” no concelho, nos anos 1980s (CMI-MO, 2015:52).

Outro caso relevante, e mediático, foi o do projeto agrícola do empresário francês Thierry Roussel, que em 1988<sup>107</sup> criou a Odefruta, envolvendo em mais de 500 há, a utilização de modernos sistemas de regadio, ‘estufas’ (abrigos elevados e outros), fertilizantes químicos, fitofármacos e pesticidas, para a produção de frutas e legumes, com destaque para os morangos, em área próxima das empresas pioneiras (Brejão). Contou com apoios comunitários no âmbito do Programa Operacional para o Desenvolvimento da Zona entre Mira e Guadiana (1990-93) e isso envolveu – em sintonia com as apostas, dessa e de outras empresas – iniciativas públicas de investigação / experimentação e formação, desde 1990<sup>108</sup>.

Embora a Odefruta tenha falido em 1994, num período em que a mão-de-obra era ainda sobretudo portuguesa e proveniente de áreas próximas, o insucesso deveu-se a reconhecida gestão desadequada, pois outras empresas têm tirado especial proveito do potencial do território, produzindo cada vez mais para exportação pequenos frutos vermelhos e de baga e diversas outras variedades hortofrutícolas, florícolas / plantas ornamentais, em períodos que os concorrentes de Espanha e Marrocos (mormente) já não são tão competitivos, por razões edafo-climáticas, com o avanço da primavera e do verão, mas também no outono, de menor produção geral e acentuada procura.

<sup>107</sup> O mesmo ano em que se criou a Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, abrangendo a área de implantação da Odefruta e de outras empresas hortofrutícolas.

<sup>108</sup> Sem prejuízo da I&D e da formação própria das multinacionais que, cada vez mais, vieram a afirmar na área dinâmicas de produção e exportação.

A utilização de diferentes tipos de cultivares e técnicas (agrónomicas e de gestão) favoreceu em Odemira a obtenção de produções em todo o ano, na generalidade dos domínios da intensificação, traduzindo-se em atração e retenção de alguma mão-de-obra, de origem nacional e estrangeira, sendo um caminho de crescente profissionalização do trabalho assalariado com correspondentes processos de maior integração na comunidade<sup>109</sup> e de efeitos induzidos no desenvolvimento organizacional e socioterritorial.

Não obstante, já anteriormente, e em situações em que persistem efeitos da sazonalidade, alguma permanência na região, favorecendo posterior integração de famílias imigrantes, tem sido propiciada, com a “rotação entre empresas”: os trabalhadores com apetência pelo emprego na agricultura foram acumulando experiência e mudaram-se de umas empresas para outras. Como referia um dos entrevistados, alguns “iniciam a campanha no Algarve (...) de Janeiro até Maio, depois sobem para a Zambujeira do Mar e fazem esta zona aqui” [no verão].

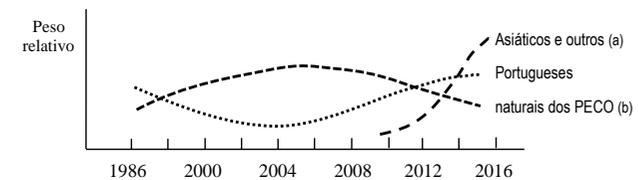
Em qualquer caso, mantiveram-se algumas limitações à contratação de pessoal permanente, em função de um jogo de ponderação de fatores (escala de produção e mercados; espécies e variedades cultivadas, estas conforme as épocas do ano pretendidas, dada a concorrência de outras regiões, de Portugal e do estrangeiro; condicionamentos legais e técnicos, uns político-económicos, relacionados com a força de trabalho (ex.: peso dos impostos...), outros com aspetos regulamentares de processos agro-industriais/alimentares, como normas de qualidade, face a riscos de sanidade, de saúde pública, de ambiente, etc.). Algumas empresas adotam soluções que passam, em parte, por subcontratação e segmentação do processo produtivo, repartindo os custos com outras empresas (relações verticais e/ou horizontais). Mas todas as da agricultura intensiva que temos considerado têm em comum as contratações de campanha.

Tomando como situações ilustrativas as das três empresas que nos concederam entrevistas (Grupo Vitacress, Sudoberry e Driscoll’s), o recrutamento de campanha assume formas diferentes, de acordo com necessidades específicas, sem prejuízo de um procedimento comum, que é o recurso ao IEFP antes de procurar vias de obtenção de contingentes apreciáveis impossíveis de satisfazer com o apoio público e sempre que soluções da própria empresa são menos viáveis. Não obstante, enquanto a horticultura (ex.: da Vitacress) apresenta fraca

<sup>109</sup> Favorecendo alguma concentração espacial, pois “a grande maioria dos imigrantes está localizada na faixa litoral, predominantemente na freguesia de São Teotónio, mas com presenças também expressivas nas freguesias de Longueira/ Almogrove, Vila Nova de Milfontes e Boavista dos Pinheiros” (Deolinda Luís, vereadora da C. M. de Odemira, em [www.jornalsudoeste.com](http://www.jornalsudoeste.com), acessido em 8-06-2015).

sazonalidade e mantém uma certa prevalência de mão-de-obra portuguesa, traduzindo-se em soluções locais / regionais de recrutamento, a fruticultura local (como a da Sudoberry ou da Driscoll’s) – com diferentes padrões de sazonalidade, mas sempre mais acentuada que na horticultura – já tem de recorrer a contingentes de campanha, recrutados de modos diversos, por vezes articulados, complementares e até imbricados.

No seguimento das condições favoráveis de aproveitamento da crescente imigração em Portugal após a adesão à CEE, tendo o Alentejo podido captar o interesse de alguns segmentos no último decénio do século XX (Baganha & Fonseca, 2004; Fonseca, Nunes & Alegria, 2004), as entrevistas realizadas comprovam que se salientaram os ucranianos, seguidos de outros como moldavos, romenos, russos e, mais recentemente, búlgaros e asiáticos, podendo representar-se a realidade evolutiva das proveniências dos trabalhadores segundo um modelo de vagas (Fig. 1). O salário da agricultura mostrou-se muitas vezes um complemento sazonal para considerável número dos imigrantes iniciais, atraídos pelo trabalho nas obras públicas, sobretudo os associados aos grandes eventos de 1998, 2001 e 2004, em algumas das principais cidades do país. Noutros casos, eram jovens de vários países – mesmo de alguns relativamente favorecidos como Inglaterra, Holanda e Alemanha, ou da Polónia e República Checa – vindos apenas para campanhas (ex.: do morango)



**Figura 1:** Naturalidade dos trabalhadores da horto-fruticultura intensiva de Odemira: grandes padrões evolutivos após a integração de Portugal na CEE/ UE  
 Fonte: elaboração própria a partir das entrevistas e informação solta diversa

Após a instalação das primeiras firmas, foi-se reduzindo a proporção dos assalariados portugueses, à medida que russos e ucranianos (além de alguns brasileiros), primeiro, e depois búlgaros, moldavos e romenos<sup>110</sup> os substituíram em múltiplas tarefas e funções. Após 2007, e com a crise acentuada em 2009-2012, deu-se um recuo dos imigrantes ‘do Leste’ e crescente disponibilidade de portugueses para aceitação de contratos antes preteridos, não sendo contudo suficientes para suprir em quantidade e ‘qualidade’ certas carências empresariais. Daí a mais

<sup>110</sup> Dos PECO – (b), no gráfico – como “Países da Europa Central e Oriental”.

recente importância dos asiáticos, que ganharam peso sobretudo em trabalho temporário, mas marcando cada vez mais uma certa permanência<sup>111</sup>. Destes, primeiro vieram os tailandeses e só depois os indianos, nepaleses, bangladeshianos e paquistaneses.

A maior presença de continuado emprego na agricultura, de pessoas de múltiplas proveniências, línguas e padrões de cultura – além de variáveis implicações familiares – tem levado à necessidade de as empresas darem atenção a diferentes aspetos extra-produtivos, sem a qual se comprometeria a própria gestão empresarial, cada vez mais complexa e dependente de subtilezas antes menos consideradas (rotação dos trabalhadores entre empresas, questões legais, dificuldades de transporte e de alojamento, limitações na eficácia / qualidade da intermediação das empresas subcontratadas para o recrutamento, a língua, as relações sociais<sup>112</sup>, novos desafios à formação do pessoal contratado, etc.).

### 3. CONCLUSÕES FINAIS

A hortofruticultura intensiva de Odemira mostrou-se um fator de importante criação de emprego e de atração de trabalhadores imigrantes. A equiparação dos direitos sociais dos trabalhadores estrangeiros, em situação regular, aos dos cidadãos nacionais, facilitou a participação das maiores empresas hortofrutícolas com sede em Odemira em processos de governança, procurando ultrapassar problemas (ex.: saúde, legalização laboral, transportes, língua e ligações familiares, etc.), que afinal vêm a influenciar a resiliência e a sustentabilidade da economia empresarial.

Podemos discutir, assim, se não estaremos perante um aprofundamento da territorialização do desenvolvimento agrícola, uma das dimensões do desenvolvimento rural / local (contrariando o que é vulgata sobre o ‘efeito de enclave’ e outras repercussões clássicas das multinacionais nos territórios), ou se também, pelo menos em parte, a agricultura é uma via que viabiliza uma integração ‘instrumental e transitória’ de pessoas, permitindo a legalização e

<sup>111</sup> Por isso “Odemira representa [no todo nacional] o território onde se verifica o maior aumento de cidadãos asiáticos entre os anos de 2008 e 2013 (6,8%)” (CMI-MO, 2015:55), embora uma parte importante destes (da Índia, do Nepal, do Paquistão ou do Bangladesh) pretenda “ir para o Reino Unido e utiliza Portugal como veículo de entrada [para lá], porque passados seis anos eles podem pedir (...) reagrupamento familiar e podem migrar à vontade (...)” (entrevistado de uma multinacional). Há outras nacionalidades – (a), no gráfico – cada vez mais diversas, incluindo de África (ex.: Senegal, Etiópia, Moçambique...), que têm vindo a ganhar algum peso, sendo o segundo maior aumento relativo entre 2010 e 2014, após o dos asiáticos (CMI-MO, 2015:79-80).

<sup>112</sup> Tanto as relações de âmbito institucional e organizacional como a inerente à masculinização dominante, o que faz com que algumas empresas favoreçam alguma feminização do meio: não só “as mulheres trabalham muito e trabalham muito bem na agricultura” como também “por causa das questões da limpeza da casa e pelas tensões que existem (...)” (palavras de um entrevistado).

o ganho de liberdade destas para outras opções extra-agrícolas e extra-locais / regionais / nacionais...

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baganha, M. I.; Fonseca, M. L. (eds.) (2004). *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*. Lisbon: Luso-American Foundation, 118 p.
- CMI-MO (2015). *Odemira Integra, Plano Municipal para a Integração dos Imigrantes*. Odemira: Comissão Municipal do Imigrante - Município de Odemira, 261 p.
- Dicken, P. (2011). *Global shift: mapping the changing contours of the world economy*. New York: The Guilford Press, 6th ed., 606 p.
- Ferreira, I. I. G. (2014). *Avaliação de desempenho para operacionais no grupo Vitacress*. Lisboa: ISEG / LSE&M, relatório de estágio de mestrado em Gestão de Recursos Humanos, 51 p. + anexos.
- Fonseca, M. L.; Nunes, A.; Alegria, J. (2004). *Imigrantes no Concelho de Reguengos de Monsaraz: Origens, Processos Migratórios e Integração Social*. Lisboa: CEG / Projeto para a Inclusão e Cidadania do Concelho de Reguengos de Monsaraz, CD-ROM.
- Huang, S.W. (2004) Global trade patterns in fruits and vegetables. *US Department of Agriculture, Agriculture and Trade Report WRS-04-06*.
- Pimenta, S. P. (2014). *A agricultura da região Alentejo nos últimos 25 anos e perspetivas no quadro da PAC pós 2013*. Universidade de Évora, dissertação de mestrado em Zootecnia, 122 p. + anexos.